



# MOSAICOS DA VILLA ROMANA DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS

## CONTRIBUTOS PARA UMA NOVA LEITURA

---

MARIA TERESA CAETANO

Doutoranda em História da Arte da Antiguidade

Instituto de História da Arte – FCSH/UNL

1. Almeida 1958, 12-13.

2. Azevedo 1982, 56-57.

3. Almeida 1958, 11-25; Ribeiro 1982-1983, 162.

4. Coelho 2007, 24.

As ruínas romanas de São Miguel de Odrinhas foram cientificamente intervencionadas pela primeira vez no ano de 1949, sob orientação de Camarate França, que contou com a desinteressada colaboração de D. Sebastião Pessanha, Eduardo da Costa, Consigliéri Martins e Francisco Costa<sup>1</sup>, tendo-se então posto a descoberto algumas sepulturas medievais, troços de muros romanos e uma inscrição, também enquadrável nessa época<sup>2</sup>. Mais tarde, em 1957, D. Fernando de Almeida retomou os trabalhos de campo, os quais se prolongaram até cerca de 1960. Escavou-se, assim, uma vasta área da necrópole medieval que corre paralela à anciana ermida devotada a São Miguel – que terá funcionado entre os séculos XII e XVI –, e do *habitat* romano. Parte do espólio entretanto exumado permitiu concluir que esta *uilla* foi edificada na segunda metade do século I a.C.; tendo sido, cerca de trezentos anos mais tarde, alvo de profundas obras de beneficiação, supondo-se que o seu abandono teria ocorrido no século V<sup>3</sup>. Todavia, as sondagens realizadas em 1997 alongaram a sua vivência até meados do século VI, conforme o atestará, entre outros testemunhos, a recolha de sete fragmentos de cerâmicas focenses tardias<sup>4</sup>, mas já em retracção vivencial e estrutural, como o confirmará o entulhamento da cloaca em plena época baixo-imperial<sup>5</sup>.

## Os mosaicos

Os mosaicos da *uilla* odrinhense, no entanto, foram descobertos aquando da intervenção ali levada a cabo por D. Fernando de Almeida, entre 1957 e 1960<sup>6</sup>. E têm vindo a ser referenciados ou estudados, com maior ou menor profundidade, por vários investigadores, designadamente, e para além do seu descobridor, por Cristina Moreira de Sá<sup>7</sup>; Gorges<sup>8</sup>; Jorge de Alarcão<sup>9</sup>; Justino Maciel e Carlos Baracho<sup>10</sup>; Felisbela Borges<sup>11</sup>; Clöe Mac Millan<sup>12</sup>; Bairrão Oleiro<sup>13</sup>; e Vítor Serrão<sup>14</sup>.

Aqui aportados importa esclarecer a oportunidade desta breve reflexão acerca dos mosaicos de São Miguel de Odrinhas, uma vez que constitui um conjunto já conhecido e, como vimos, suficientemente divulgado, sobretudo o pavimento a Sudeste da abside. Todavia convém corrigir a leitura iconográfica deste mosaico, daí também a razão de ser desta nossa intervenção. Na verdade – excluindo a referência de Moreira de Sá que é anterior à publicação da planta por D. Fernando de Almeida – todos os outros estudiosos que abordaram esta questão olvidaram, ou por não terem tido acesso directo ao pavimento que permanece *in situ* na *uilla*, ou porque se limitaram a acrescentar um ponto a uma qualquer seriação mais ou menos complexa dos pavimentos descobertos em território hoje português, não denunciaram os erros de que o desenho, então dado à estampa, se encontra eivado. Consequentemente, cremos na absoluta necessidade, não só de se corrigir o lapso mas, igualmente, de trazer à colação um estudo exaustivo – morfológico e descritivo – acerca de todos os vestígios musivos e fragmentos avulsos, para além das abundantes *tessellae* de pasta vítrea que se terão recolhido na área da abside que constituirá um segundo momento desta nossa análise.

### Mosaico n.º 1

Por conseguinte, e no que concerne ao mosaico que temos vindo a referenciar, localiza-se a Sudeste da estrutura absidal e é constituído por um vulgar esquema de quadrados justapostos preenchidos, numa alternância relativa, por nós de Salomão e quadrilóbulos entrançados, motivos que permanecem rematados com pequenos apontamentos decorativos, reflectindo, de modo inequívoco, o *horror uacui* que caracterizou a *ars* romana do Baixo-império. Medindo 4 por 3m e, apresenta uma moldura exterior com 32 cm de largura; a sua decoração integra-se em 16 quadrados com 48 cm de lado, enquanto que o entrançado simples que forma a faixa de ligação tem 22,5cm. A este propósito deverá salientar-se a pobreza da sua paleta cromática, composta por tesselas brancas, amarelas, vermelhas e negras, de talhe irregular e cujas dimensões oscilam entre os 1,3 x 1 cm/1 x 0,8 cm, numa média de cerca de 93 cubos por dm<sup>2</sup>. Ainda no que respeita aos aspectos morfológicos há que atender ao facto de o mosaico ter assentado quase directamente sobre o solo bem compactado. Este pavimento apresenta, hoje, distintas zonas de destruição, como seja, grande parte da moldura, a Sudoeste; três reduzidas áreas em pleno campo; e, a Este, subsistem ainda parcialmente sobre ele, duas sepulturas medievais.

5. Coelho 2007, 16.

6. Almeida 1958, 11-25; Almeida 1962, 152-156.

7. Sá 1959, 104-106.

8. Georges 1979, 461-462.

9. Alarcão 1983, 207 (n.º 55); Id. 1988, 119-120 (n.º 5/192).

10. Maciel 1983, 13 e 14; Id. 2000, pp. 80-82 nota 252; Maciel e Baracho 1992, 95-96.

11. Borges 1986, 119-126 (n.º 15), est. XXI; *Anexo II*, figs. OD 56 a OD 64.

12. Mac Millan 1986, 14-15 (n.º 55) e p. 17.

13. Oleiro 1986, 112 (n.º 77).

14. Serrão 1989, 24-24).

As zonas destruídas do mosaico foram preenchidas com cimento moderno. Se através de uma simples análise morfológica, quase empírica como a que efectuámos, a observação iconográfica parece confirmar, de modo inequívoco, tratar-se de uma obra de uma oficina incipiente, talvez de tradição familiar, que se socorreu de uma gramática muito simples, mas cuja materialização plástica revela – por razões que hoje nos escapam – notórias insuficiências, designadamente a pseudo-alternância entre quadrilóbulos entrançados (um motivo que, por esta época, poderá emergido do mais profundo substrato indígena e que se encontra bem representado no território olisiponense).



FIG.1 PERSPECTIVA GERAL DO MOSAICO N.º 1, VENDENDO-SE, EM SEGUNDO PLANO, PARTE DA NECRÓPOLE MEDIEVAL QUE SE SOBREPÕS À VILLA.

### DESCRIÇÃO

Faixa de ligação branca. *Molduras exteriores*: trança de três cabos [a vermelho, amarelo e branco], sobre fundo negro; filete triplo branco. *Campo*: a decoração do campo do mosaico encontra-se estruturada através de um esquema de vinte e quatro quadrados brancos justapostos, aliás alguns deles bastante irregulares – separados por tranças de dois cabos [a vermelho, amarelo e branco], sobre fundo negro –, com quadrados brancos menores inscritos, delimitados por filetes simples, a negro, respectivamente preenchidos por:

1. Nó de Salomão [a negro, amarelo, branco e vermelho], radiado por filetes simples denticulados, a negro; 2. Similar ao n.º 1 [os filetes são alternadamente negros e vermelhos]; 3. Quadrilóbulo entrançado ou entrançado simples [a negro, amarelo,

branco e vermelho]; 4. Nó de Salomão [a negro, amarelo, branco e vermelho]; 5. Similar ao n.º 3; 6. Série de sucessivos quadrados denticulados concêntricos [descritos de fora para dentro: negro, branco, vermelho, negro, branco, amarelo, negro, branco, vermelho e branco]; 7. Quadrilóbulo entrançado (?) [a negro, amarelo, branco e vermelho], encontrando-se, aos cantos do quadrado, pequenos triângulos denticulados [a vermelho, branco e negro e a amarelo, branco e negro]; 8. Quadrilóbulo entrançado [a negro, amarelo, branco e vermelho], radiado por filetes simples denticulados [a negro, e a vermelho]; 9. Nó de Salomão [a negro, amarelo, branco e vermelho], encontrando-se nos cantos do quadrado pequenos triângulos denticulados [a vermelho, branco e negro; e a amarelo, branco e negro]; 10. Similar (?) aos n.ºs 3 e 5; 11. Similar ao n.º 4; 12. Similar aos n.ºs 4 e 11; 13. Similar ao n.º 9; o canto inferior direito apresenta-se restaurado apenas com tesselas brancas, fruto de uma intervenção moderna; 14. Quadrilóbulo entrançado [a negro, amarelo, branco e vermelho], encontrando-se o quadrado acantonado por pequenos triângulos [a negro e branco], enquanto dos lados nascem quatro pequenos triângulos denticulados [a vermelho e branco]; 15. Similar aos n.ºs 4, 11 e 12; 16. Similar aos n.ºs 3, 5 e 10; 17. Similar aos n.ºs 4, 11, 12 e 15; 18. Similar aos n.ºs 3, 5, 10 e 16; 19. Similar ao n.º 8 [ainda que os filetes radiantes sejam todos a negro]; 20. Similar aos n.ºs 1 e 2 [variante quanto às cores empregues nos filetes simples denticulados: negro e vermelho]; 21. Similar aos n.ºs 3, 5, 10, 16 e 18; 22. Similar aos n.ºs 4, 11, 12, 15 e 17; 23. Similar aos n.ºs 3, 5, 10, 16, 18 e 21; 24. Similar (?) aos n.ºs 4, 11, 12, 15, 17 e 22. Acerca dos mosaicos muito destruídos e *tessellae* descobertos nos anos 50, D. Fernando de Almeida deu deles notícia sumária, ainda em 1957, nas *Jornadas Arqueológicas de Sintra*<sup>15</sup>. E, em 1962, esse investigador publicou um pormenorizado estudo sobre o «mosaico (...) quase intacto», todavia, não tratou de forma similar os outros vestígios musivos também ali exumados<sup>16</sup>. A planta do mosaico inserta no artigo de D. Fernando de Almeida, contudo, não se apresenta correcta, porquanto o desenho omite quer a irregular faixa de ligação, quer os pormenores decorativos de vários dos quadrados que constituem os motivos principais, além de – sobretudo – no quadrado do canto NE do campo do mosaico surgir figurado um nó de Salomão radiado por filetes simples denticulados em vez da extemporânea sucessão de quadrados denticulados inscritos, de facto ali representada.

15. Almeida 1958, 13, 22 e 23.

16. Almeida 1962, 152-156.

## REFERÊNCIAS

Sá 1959, 104-106; Gorges 1979, 461-462; Alarcão 1983, 207 (nº 55); Maciel 1983, 13 e 14; Borges 1986, 119-126 (n.º 15), est. XXI; *Anexo II*, figs. OD 56 a OD 64; Mac Millan 1986, 14-15 (n.º 55) e p. 17; Oleiro 1986, 112 (n.º 77); e, uma vez mais, Alarcão 1988<sup>a</sup>, 119-120 (nº 5/192); Serrão 1989, 25 (fig. parcial na p. 24); Maciel e Baracho 1992, 95-96; Caetano 2006, 34; Caetano 2007, 75, n. 88; Coelho 2007, 4.

## ESTUDO ANALÍTICO E COMPARATIVO

A organização decorativa do mosaico desenvolve-se a partir de um vulgar esquema de quadrados justapostos, cuja origem se poderá encontrar na “ projecção ” no pavi-

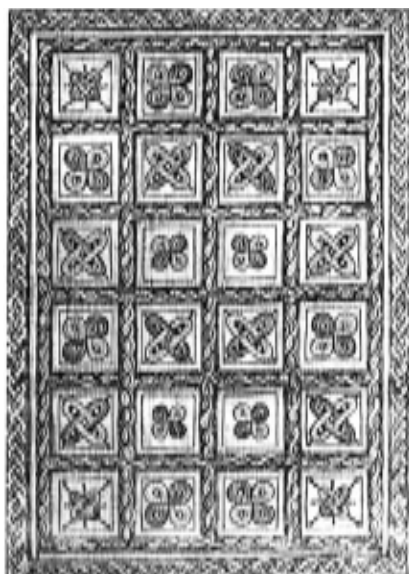


FIG. 2 PLANTA DO MOSAICO N.º 1, PUBLICADA POR D. FERNANDO DE ALMEIDA.

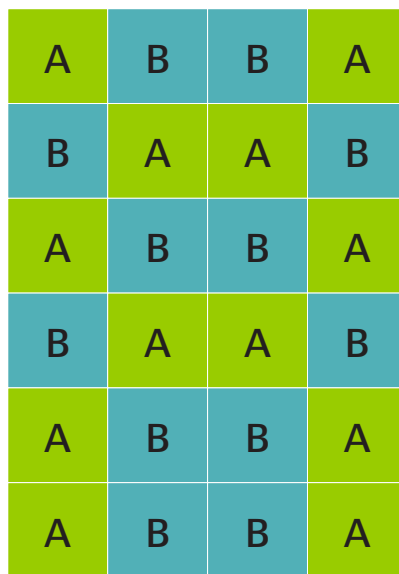


FIG. 3 ESQUEMA DECORATIVO DE ACORDO COM A PLANTA DE D. FERNANDO DE ALMEIDA.

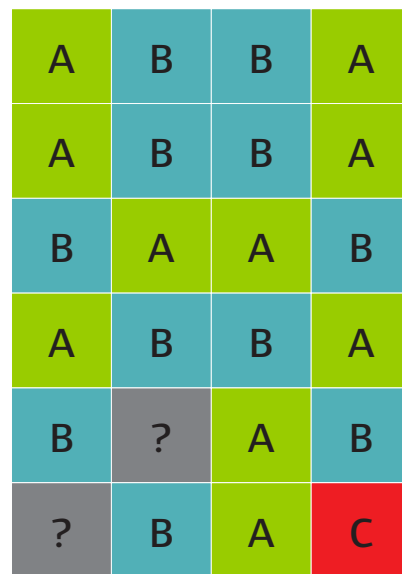


FIG. 3A ESQUEMA DECORATIVO DE ACORDO COM O MOSAICO QUE PERMANECE *IN SITU*.

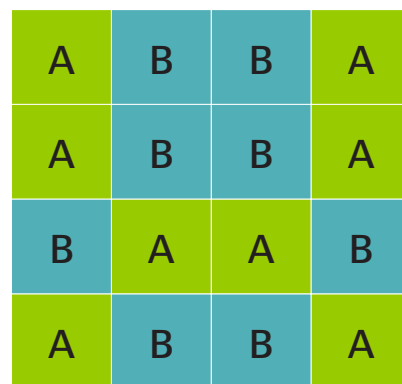
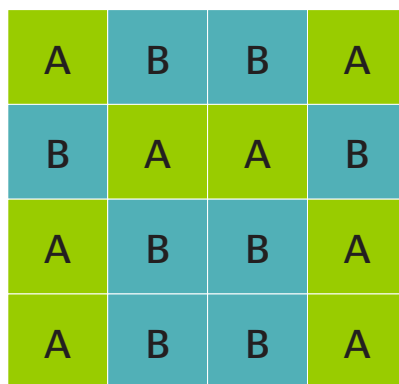


FIG. 4 POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES PARA A NÃO CORRESPONDÊNCIA DA PLANTA COM O MOSAICO:

1. Eventual recolha de elementos insuficientes no campo, originando uma deficiente interpretação no subsequente trabalho de gabinete;
2. Eventual inversão do desenho na gráfica trocando a ordem da planta.

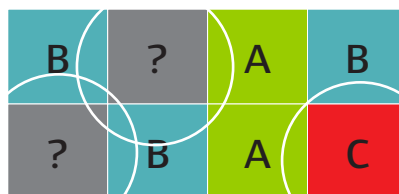


FIG. 5

Ainda que este facto pudesse ter ocorrido, tal não justifica a discrepância da restante iconografia, designadamente o preenchimento de dois quadrados, cuja ornamentação é desconhecida, bem com a extemporânea série de quadrados que se patenteia num dos ângulos (nordeste).





FIG.6 PLANTA DE D. FERNANDO DE ALMEIDA COM CORRECÇÃO DO ALINHAMENTO DECORATIVO SOBREPOSTO.

mento de uma cobertura em caixotões<sup>17</sup>. Os quadrados permanecem separados por tranças de dois cabos, as quais foram introduzidas como elementos de separação neste tipo decorativo nos mosaicos a preto e branco na época de Augusto<sup>18</sup>.

No entanto, apesar de revelar numerosas lacunas a nível da execução, notadas sobretudo no traçado do desenho, este pavimento consiste num interessante exemplar da musivária da região olisiponense. Por outro lado, refira-se que a originalidade do

17. Neal 1981, 27.

18. Lancha 1977, 34.

19. Blake 1930, 108.
20. Becatti 1961, 144-149 (n.º 283), tav. CCXII.
21. Blake 1936, 82, 97, 102, 120 e 132, pls. 14.2, 19.3, 20.3, 29.4 e 43.1.
22. 1993, 18-20 (n.º 2), lám. 2.
23. Ovadiah e Ovadiah 1987, 72 (n.º 103), pl. LXXXVI.1.
24. Blázquez *et al.* 1989, 56-59 (n.º 41), lám. 41.
25. Sobre a simbologia apotropaica nos mosaicos hispânicos veja-se Campbell 1994, 293-300.
26. Fendri 1965, 157-173, autor que apresenta exemplos tunisinos.
27. Blake 1930, 103.
28. Borges 1986, 91-106 (n.º 24), ests. XIX-XX. Há muito pouco tempo foi dado à estampa um artigo de cariz monográfico sobre o mosaico de Oeiras, cujos autores, surpreendentemente e de certo baseados em critérios por si só pouco seguros, datam este mosaico de finais do século II/inícios do III (Varela Gomes, Cardoso e André 1996, 404).

mosaico de Odrinhas reside também na articulação dos vulgares nós de Salomão e quadrilóbulos entrançados que preenchem os quadrados – emoldurados por tranças de dois cabos –, para a qual não foi recolhido qualquer paralelo.

A trança de três cabos que contorna exteriormente o mosaico terá uma origem semelhante à da trança de dois cabos<sup>19</sup>. Parece, no entanto, que o seu emprego mais ou menos abundante será um pouco mais tardio, com exemplos atestados em mosaicos de Óstia, datado de 127 d.C.<sup>20</sup>; de Roma, Bolonha, Este e Pesaro, todos eles do século II<sup>21</sup>, e, fora de Itália, em Astorga, já de finais daquela centúria<sup>22</sup>. Contudo, a sua generalização terá ocorrido a partir do século III.

Em relação à extemporânea série de quadrados denteados patente no quadrado do canto nordeste do pavimento – cujos melhores paralelos se encontram num mosaico de Hosefa (Israel)<sup>23</sup>, do século V; e noutro de Tarazona de la Mancha<sup>24</sup>, do século IV – saliente-se que esta não será fruto da inabilidade do mosaísta, uma vez que o artífice dificilmente cairia em tão crasso erro já que as linhas de força da composição alternam apenas entre nós de Salomão e quadrilóbulos entrançados. Assim, poder-se-á concluir que o preenchimento do referido vão com quadrados escalonados foi deveras consciente, talvez para demarcar bem um espaço pré-determinado ou, talvez, com uma intenção mágica e/ou profilática, cujo significado hoje nos escapa<sup>25</sup>. Os nós de Salomão, tal como aqui nos surgem figurados, ou seja inscritos em pequenos quadrados, tornaram-se num dos motivos mais frequentes em todo o Império Romano, vulgarizando-se a sua aplicação logo a partir do século I d. C. e, em época tardia, passou a apresentar o traçado interior a branco<sup>26</sup> – como no caso vertente –, e, inclusivamente, foi empregue na arte medieval, no seio da qual viria a adquirir determinado valor simbólico<sup>27</sup>.

Por outro lado, saliente-se o emprego abundante do quadrilóbulo entrançado, motivo de aparente origem tardia e escassamente divulgado, cujos reduzidos paralelos apontados se balizam em termos cronológicos entre os séculos IV e V, mas que no território do Município Olisiponense se encontra também no mosaico de Oeiras, datável do século IV<sup>28</sup>. Neste âmbito refira-se ainda que os breves apontamentos decorativos que completam a ornamentação dos quadrados reflectem, inequivocamente, o *horror vacui* característico dos mosaicos baixo imperiais.

### CRONOLOGIA PROPOSTA

Com base na morfologia do mosaico que analisámos e nos paralelos apontados, propomos, pois, para este mosaico da *uilla* de São Miguel de Odrinhas uma datação circunscrita à primeira metade do século IV.

## Mosaico n.º 2

*Tesselas*: brancas, amarelas, negras e vermelhas, com 1 x 1 cm de lado. *Material empregue*: calcário. Número médio de tesselas por dm<sup>2</sup>: 87. *Suporte*: cimento moderno. *Localização actual*: *in situ* (?).



**DESCRIÇÃO**

Este mosaico foi descoberto e consolidado sobre cimento moderno por D. Fernando de Almeida, nos finais dos anos de 1950. Do pavimento conservam-se apenas dois troços não contíguos, sem leitura sequencial e em muito mau estado de conservação, pressupondo que tenha havido algum lapso aquando da recolocação dos fragmentos no local. Do primeiro troço conserva-se uma área com 1,90 x 0,34 m e, do segundo, em forma de L, as dimensões máximas conservadas atingem o 1,10 x 0,53 m.

1. Faixa branca de ligação ornada com diamantes, sobre a ponta e escadeados, alternadamente a vermelho a negro e a amarelo com preenchimento axadrezado a preto e branco, denotando-se no interior de todos eles, um axadrezado a branco e negro; filete duplo, a negro, filete simples, a branco, e filete simples, a negro, que demarcam o campo, do qual apenas são visíveis o arranque de dois motivos indefinidos [a negro, branco e vermelho], intervalados por fundo branco, que poderão ser aspás ou peltas.
2. Faixa de ligação e demarcação similares às descritas em 1; no campo, apesar das numerosas tesselas soltas está bem patente, entre outros motivos de difícil identificação, uma pelta amarela com bordadura a branco e a negro.

**REFERÊNCIAS**

Almeida 1958, 23; Borges 1986, 126 (n.º 30).

**ESTUDO ANALÍTICO E COMPARATIVO**

Os dois fragmentos subsistentes deste mosaico encontram-se em muito mau estado de conservação, pelo que nos oferecem uma leitura deficiente e inconclusiva. No entanto, parece-nos – pela irregularidade do desenho, dimensões e qualidade das *tessellae* – que ambos os troços musivos integrassem um único pavimento, o qual – pelas razões expostas – será coevo do anteriormente descrito.

**CRONOLOGIA PROPOSTA**

Primeira metade do século IV.

**Mosaico n.º 3**

[*Oecus*]

*Dimensões máximas conservadas:* 0,23 x 0,12 m. *Tesselas:* brancas, amarelas, negras e vermelhas, com 0,7 x 0,8 cm de lado. *Material empregue:* calcário. *Número médio de tesselas por dm²:* 107. *Suporte:* cimento moderno. *Localização actual:* *in situ*?

**DESCRIÇÃO**

Este fragmento de mosaico, localizado na sala com estrutura absidal, abaixo do absidiolo sudeste, devido ao mau estado de conservação, não permite que se proceda a uma identificação segura do motivo representado que se tratará de uma trança de dois cabos [a vermelho, branco, negro e amarelo], sobre fundo negro.

## REFERÊNCIAS

Almeida 1958, 23; Borges 1986, 125 (n.º 29); Maciel e Baracho 1992, 96, que assinalam a existência de *tessellae* soltas na área da abside.

## ESTUDO ANALÍTICO E COMPARATIVO

Este pavimento apresenta tesselas de menores dimensões do que as dos restantes mosaicos, facto que *de per se* permite questionar se o mosaico resultou da mesma campanha de beneficiação dos já descritos ou se foi construído em época distinta. No estado actual dos nossos conhecimentos não será possível esclarecer de forma cabal esta questão, mas, seja como for, parece ter ficado claro que dificilmente se poderá atribuir a sua construção aos mesmos artífices que produziram os outros mosaicos ali patentes.

Por outro lado, e porque se tratava da principal divisão desta *uilla* – ou seja, o *oecus* –, será lícito supor que as tesselas de pasta de vidro (mais de uma centena), ainda que se desconheça o local ou locais exactos de onde foram recolhidas, os poucos indicadores disponíveis apontam a sala absidal como o local adequado para a construção de um mosaico mais elaborado – provavelmente para realçar pormenores de um eventual medalhão figurado – ou que, atendendo a outra hipótese, tenham integrado um possível revestimento musivo da própria abóbada.

Neste contexto, poder-se-á pôr a hipótese de ali terem trabalhado – aquando da grande remodelação daquela *uilla* levada a cabo na primeira metade do século IV – duas distintas oficinas de mosaístas como sucedeu, a título de exemplo, na *uilla* de Carranque, igualmente do século IV.

## CRONOLOGIA PROPOSTA

Primeira metade do século IV (?).

## TESSELAS DE PASTA DE VIDRO

Entre as dezenas de litros de tesselas de calcário depositadas no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas [SMO/R/57/283; SMO/R/57/285; SMO/R/57/289] encontram-se mais de uma centena de tesselas de pasta de vidro, recolhidas em 1957:

- 1 - *Incolor*: duas tesselas com 0,9 x 0,8 x 0,5 cm/0,8 x 0,6 x 0,5 cm, opacas e irisadas (número de inventário: SMO/R/57/75).
- 2 - *Verde gelo*: duas tesselas com 1 x 1 x 0,7 cm/1 x 0,9 x 0,5 cm, transparentes (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 3 - *Verde azeitona*: uma tessela com 1 x 0,8 x 0,4 cm, opaca (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 4 - *Verde prado*: quatro tesselas com 0,9 x 0,8 x 0,5 cm/0,7 x 0,7 x 0,4 cm, opacas e algumas irisadas (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 5 - *Verde jade*: seis tesselas com 0,9 x 0,8 x 0,7 cm/0,6 x 0,5 x 0,3 cm, opacas e transparentes (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 6 - *Verde seco*: oito tesselas com 1,3 x 0,9 x 0,6 cm/0,9 x 0,9 x 0,3 cm, opacas e irisadas (fig. 63) (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 7 - *Verde malaquite claro*: seis tesselas com 1,1 x 0,9 x 0,6 cm/0,7 x 0,6 x 0,3 cm, opacas e irisadas (número de inventário: SMO/R/57/74).
- 8 - *Verde malaquite*: doze tesselas com 1 x 0,9 x 0,7 cm/0,8 x 0,4 x 0,3 cm, opacas



FIG. 7A; FIG. 7B; FIG. 7C. ALGUNS EXEMPLARES DE *TESSELLAE* DE PASTA VÍTREA: VERDE GELO; VERDE-SECO; AZUL-COBALTO OPACAS E IRISADAS.

e irisadas (número de inventário: SMO/R/57/74). 9 - *Verde-esmeralda*: vinte e três tesselas com 0,8 x 0,8 x 0,5 cm/0,6 x 0,6 x 0,4 cm, opacas e algumas irisadas (número de inventário: SMO/R/57/74). 10 - *Verde-escuro*: quinze tesselas com 1,1 x 1 x 0,8 cm/0,7 x 0,5 x 0,5 cm (número de inventário: SMO/R/57/74). 11 - *Azul claro*: oito tesselas com 0,9 x 0,5 x 0,4 cm/0,6 x 0,5 x 0,4 cm, opacas e irisadas (número de inventário: SMO/R/57/73). 12 - *Azul lavanda*: uma tessela com 0,8 x 0,7 x 0,3 cm, opaca (número de inventário: SMO/R/57/73). 13 - *Azul da Prússia*: nove tesselas com 0,9 x 0,8 x 0,4 cm/0,8 x 0,5 x 0,4 cm, opacas e algumas irisadas (número de inventário: SMO/R/57/73). 14 - *Azul-cobalto*: vinte e uma tesselas com 1,3 x 1 x 0,9 cm/0,6 x 0,5 x 0,4 cm, transparentes e opacas (número de inventário: SMO/R/57/73). 15. *Azul ultramarino*: vinte e duas tesselas com 1,5 x 1,1 x 0,8 cm/0,7 x 0,6 x 0,3 cm, opacas e algumas irisadas (número de inventário: SMO/R/57/73). 16 - *Violeta claro*: oito tesselas com 0,9 x 0,8 x 0,5 cm/0,8 x 0,5 x 0,3 cm, opacas e algumas irisadas (número de inventário: SMO/R/57/73).

### FRAGMENTOS DE MOSAICO

No Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas encontram-se depositados dezoito fragmentos de mosaico, igualmente recolhidos por D. Fernando de Almeida, em local, ou locais, não especificado(s):

1. *Dimensões máximas conservadas*: 15 x 6,5 cm; superfície tessellada, 10,5 x 5 cm. *Tesselas*: brancas, negras e amarelas, com 0,9 x 0,9 x 0,7 cm. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: argamassa de cal com fragmentos cerâmicos (4 x 0,5 cm/vestígios) e algumas tesselas de calcário, com 5,6 cm de espessura média. *Número de inventário*: SMO/R/57/279. *Descrição*: trança (?), a amarelo e branco sobre fundo negro; banda (?) branca.

2. *Dimensões máximas conservadas*: 3 x 2,3 cm. *Tesselas*: brancas e negras, com 1 x 1 x 0,9 cm. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário*: SMO/R/57/279. *Descrição*: fila de tesselas brancas; e fila de tesselas negras.

3. *Dimensões máximas conservadas:* 2 x 2 cm. *Tesselas:* brancas e negras, com 0,7 x 0,8 x 0,5 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fila de tesselas brancas; e fila de tesselas negras.
4. *Dimensões máximas conservadas:* 2,5 x 2,3 cm. *Tesselas:* vermelhas e negras, com 0,9 x 0,9 x 0,6 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fila de tesselas vermelhas; e fila de tesselas negras.
5. *Dimensões máximas conservadas:* 5,5 x 5,2 cm; superfície tesselada com 4,6 x 4,3 cm. *Tesselas:* branca, negras e vermelhas, com 1 x 1 x 0,9 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/281. *Descrição:* fila de tesselas vermelhas, filete simples a negro e tessela branca.
6. *Dimensões máximas conservadas:* 3 x 2,9 cm. *Tesselas:* vermelhas, com 1,1 x 1,1 x 0,7 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico vermelho.
7. *Dimensões máximas conservadas:* 2,5 x 2 cm. *Tesselas:* brancas e negras, com 0,9 x 0,9 x 1 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fila de tesselas brancas; e fila de tesselas negras.
8. *Dimensões máximas conservadas:* 3,5 x 2,2 cm. *Tesselas:* negras, com 0,9 x 0,9 x 0,8 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico negro.
9. *Dimensões máximas conservadas:* 2 x 1,5 cm. *Tesselas:* negras, com 1 x 1,1 x 0,8 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico negro.
10. *Dimensões máximas conservadas:* 2,3 x 1,4 cm. *Tesselas:* negras, com 1,3 x 1 x 0,8 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico negro.
11. *Dimensões máximas conservadas:* 2,1 x 1,1 cm. *Tesselas:* negras, com 1 x 1 x 0,7 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico negro.
12. *Dimensões máximas conservadas:* 2,2 x 1,4 cm. *Tesselas:* negras, com 1 x 0,7 x 0,9 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/282. *Descrição:* fragmento de mosaico negro.
13. *Dimensões máximas conservadas:* 10,5 x 8,5 cm; superfície tesselada, 8 x 6,8 cm. *Tesselas:* brancas, com 1 x 1 x 0,9 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* argamassa de cal com vestígios de cerâmica, com 3 cm de espessura média. *Número de inventário:* SMO/R/57/278. *Descrição:* fragmento de mosaico branco.
14. *Dimensões máximas conservadas:* 2,5 x 2,2 cm. *Tesselas:* brancas, com 1 x 1 x 0,7/0,9 cm. *Material empregue:* calcário. *Suporte:* vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário:* SMO/R/57/279. *Descrição:* fragmento de mosaico branco.
15. *Dimensões máximas conservadas:* 2 x 1,9 cm. *Tesselas:* brancas, com 0,8 x 1 x

0,8/0,9 cm. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário*: SMO/R/57/279. *Descrição*: fragmento de mosaico branco.

16. *Dimensões máximas conservadas*: 4,7 x 3,8 cm. *Tesselas*: brancas, com 1 x 1 x 0,7 cm. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário*: SMO/R/57/282. *Descrição*: fragmento de mosaico branco, na sua quase totalidade revestido com *opus signinum* (3,9 x 3,5 x 1,1 cm) do “rodapé” do pavimento.

17. *Dimensões máximas conservadas*: 3,9 x 2,6 cm. *Tesselas*: brancas, com 1 x 1 x 0,6/0,9 cm. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: vestígios de argamassa de cal. *Número de inventário*: SMO/R/57/279. *Descrição*: fragmento de mosaico branco, na sua quase totalidade revestido com *opus signinum* (3,5 x 2,4 x 1,2 cm) do “rodapé” do pavimento.

18. *Dimensões máximas conservadas*: 5,5 x 5,2 cm. *Tesselas*: brancas, com 1 x 1 x 0,7/0,9 cm de profundidade. *Material empregue*: calcário. *Suporte*: argamassa de cal com 1,2 cm de espessura média. *Número de inventário*: SMO/R/57/280. *Descrição*: fragmento de mosaico branco, na sua quase totalidade revestido com *opus signinum* (5,5 x 4,5 x 1,9 cm) do “rodapé” do pavimento.

29. Boléo 1973, 40.

30. Ribeiro 1982-1983, 156-165, fig. 1.

31. Resende, *Cod. Valent.*, fl. 46v. (cfr. *C.I.L.* II, XIV-28 e 312; e Vieira da Silva 1944, 313).

## A Abside

Refira-se, por outro lado, que esta *uilla* foi erigida num pequeno outeiro com vista para o *Mons Sacer*, situado no chamado “planalto de São João das Lampas”<sup>29</sup>, constituindo num dos muitos locais do antigo *ager olisiponensium* onde se detetaram vestígios da época romana e período subsequente<sup>30</sup>. As primeiras notícias conhecidas acerca destas ruínas remontam, todavia, ao século XVI quando André de Resende se referiu a «hum templo velho, de que ainda sta uma abboboda»<sup>31</sup>;



FIG.8 PERSPECTIVA GERAL DO LUGAR DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS, COM DESTAQUE PARA A ZONA DA ABSIDE (FOTOGRAFIA DOS INÍCIOS DA DÉCADA DE 1960, ARQUIVO DO MASMO).





32. Barreto 1888, 9. Ainda que publicado em 1888, o texto de Barreto terá sido redigido, de acordo com José Cardim Ribeiro, entre 1840 e 1841, ainda que Azevedo (1982, 64), aponte para a sua redacção o ano de 1842.

33. Sottomayor 1675, fl. 9, *margem*.

34. Pereira 1914, 345-349, fig. 38; Pereira 1934 (= 1975, 99-101).

35. Correia 1928, 374 (figs.), 378 e 379.

36. Lambrino 1953, 25.

37. Almeida 1962<sup>a</sup>, 8, 105, 116 e 117.

38. Palol 1967, 145; *Arte Paleo. Esp.*, 52.

39. Gorges 1979, 461-462.

40. Barbosa 1983, 382-383, fig.

41. Maciel 1983; Maciel 1995<sup>a</sup>, 115; e, ainda, Maciel e Baracho 1992, 92 e 102.

42. Sobre a problemática em torno da estrutura absidal veja-se, também, Ribeiro 1974-77, 324, n. 136.

43. Rodríguez Martin e Carvalho 2008, 320.

mais tarde, Sottomayor afirmou que aí existem «m.<sup>tas</sup> (...) bazes de colunas (...) cravadas na terra do (...) adro»<sup>32</sup>. Após um longo hiato surgiram, desde a segunda metade de oitocentos, novas notícias sobre a abside de São Miguel de Odrinhas: Barreto<sup>33</sup> – que considerou esta estrutura como pertencente a um templo romano –; Pereira<sup>34</sup> – que corroborou a opinião daqueloutro –; Félix Alves Pereira<sup>35</sup> – que classificou a ruína como restos de um *mausoléu* romano –; Vergílio Correia<sup>36</sup> – que pretendeu que a abside fosse um *baptistêrio* cristão arcaico –; e Scarlat Lambri-no<sup>37</sup> – que não interpretando a estrutura absidal, considerou-a, no entanto, como a parte subsistente de um edifício dos começos da Idade Média.

Os trabalhos encabeçados por D. Fernando de Almeida possibilitaram e definir completamente os contornos da estrutura absidal aí localizados, inclusivamente derrubando outras estruturas adossadas sem ter deixado quaisquer registo das mesmas, o que, eventualmente, teria sido importante para as posteriores interpretações da “rotunda” de São Miguel de Odrinhas. Mas, a eliminação dos elementos extemporâneos e a devolução da estrutura à sua forma primitiva (?), contribuiu, de modo inequívoco, para o surgimento de novas hipóteses mais ou menos académicas.

Por conseguinte, aquela imponente estrutura foi considerada, por D. Fernando de Almeida, como sendo uma pequena basílica paleocristã, datável de finais do século IV ou da primeira metade da centúria seguinte<sup>38</sup>. Opinião essa, aliás, praticamente seguida por diversos outros investigadores: Palol<sup>39</sup> que datou o monumento dos séculos VI ou VII; Gorges<sup>40</sup> e Barbosa<sup>41</sup> aceitaram a classificação e cronologia propostas por Almeida para o chamado *templo*; Maciel<sup>42</sup> interpretou a estrutura absidal como sendo um mausoléu da época constantiniana. Porém, Hauschild afirmou que «futuras pesquisas e escavações terão de provar ainda se se trata realmente de um edifício de função cristã ou, eventualmente, de um anexo pertencente a uma *Villa romana*»<sup>43</sup>; mais recentemente, Cardim Ribeiro considerou



FIG.9 ABSIDE DE SÃO MIGUEL DE ODRINHAS EM 1907 (IN PEREIRA 1914, 324-362).



FIG.10 PERSPECTIVA GERAL DO EDIFÍCIO ABSIDAL.

que o compartimento com a estrutura absidal poderia tratar-se, afinal, do *oecus* da *uilla*, datável do século IV<sup>44</sup>.

O espaço absidal usado como templo, independentemente de ter integrado a *uilla* como o seu *oecus*, de ter desempenhado, ainda no século IV a função de mausoléu da época constantiniana, ou mesmo depois do seu abandono como necrotério – provavelmente de um “homem santo” ali sepultado ou a existência de uma relíquia – em data por determinar, mas que terá conduzido à adopção daquele espaço como templo cristão de invocação indeterminada. Mas se se considerar válida a hipótese de uma *deuotio* a São Miguel (nunca anterior ao século VI/VII), atendendo às sepulturas eventualmente paleocristãs radiais à própria rotunda e, por isso, coincidentes com aquele espaço, são indicadores preciosos de que, em época ainda por fixar, o espaço terá funcionado como templo cristão. A ininterrupta sacralização daquele espaço está patente na construção medieval da ermida ainda hoje existente e cuja vivência devocional se encarregou de lhe outorgar o prospecto que hoje conhecemos. Seja como for, nos inícios do século IV começou-se a sentir uma presença cristã, ainda que de modo não sistemático, nos *agri*. Com o decorrer do tempo, porém, essa presença tornou-se mais acutilante, pelo que a cristianização das *uillae* terá de certo modo sido similar – ou complementar – do desenvolvimento arquitectónico e vivencial dos seus espaços. Com isto pretendemos, tão-somente, referir que independentemente da vontade que subjazeu à sua edificação, não há qualquer dúvida que, na eventualidade de ter sido um mausoléu, terá sido o tempo o factor que contribuiu para que se tornasse num referencial para a região, acabando por se transformar numa ermida, como, aliás, subsistem outros exemplos, designadamente, nas ermidas de la Virgen de la Cara, de Isidoro, de Santiago de Bencaliz, na de Santa Maria del Ventoso<sup>45</sup>, etc.

Além do mais, as escavações e sondagens há alguns anos realizadas no espaço da *uilla*/necrópole revelaram uma ocupação continuada, desde o período romano – atestando-se, igualmente, alguns vestígios pré-históricos – até à nossa contemporaneidade plena. De facto, e para além das já mencionadas cerâmicas focenses tardias, foram recolhidas outras, cujo aro cronológico abrange os séculos VII, VIII, IX e X, podendo ser a primeva datação coincidente com a adaptação do espaço absidal como uma igreja (possivelmente já) dedicada a São Miguel. O qual, em plena medievalidade portuguesa, teria sido trasladado para uma nova ermida, pois no *Treslado do Lemitte, e demarcação das Igrejas da Villa Cintra*, de 10 de Dezembro de 1253 está referenciado um «heremitagium et Albergariam de Odrias». ●

44. Coelho 2007, 30.

45. Costa 1980, 105.

## Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1983) – *Portugal Romano*, 3.ª edição. Colecção “História Mundi”: Editorial Verbo.

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *Roman Portugal*, II (Gazettear), fasc. 2. Warminster.

ALMEIDA, D. Fernando de (1958) – «Escavações em Odrinhas», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XXXIX. Lisboa, 11-25.

ALMEIDA, D. Fernando de (1962) – «Notícia de mosaicos romanos em Odrinhas», in *Revista de Guimarães*, vol. LXXII (1-2). Guimarães, 52-154.

ALMEIDA, D. Fernando de (1962<sup>a</sup>) – «Arte visigótica em Portugal», in *O Arqueólogo Português*, Nova Série, vol. IV, Lisboa.

AZEVEDO, José Alfredo da Costa (1982) – «O Museu de Odrinhas», in *Velharias de Sintra*, vol. IV. Câmara Municipal de Sintra.

BARBOSA, Pedro Gomes (1983) – «Arte e cultura do Império Romano à fundação da Nacionalidade», in *História de Portugal*, I vol. Lisboa: Publicações Alfa, 363-398.

BARRETO, António Gomes (1888), – «Antiguidades Romanas do Termo de Cintra», in *Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portugueses*, Série 2.<sup>a</sup>, tomo VI, 26-29.

BECATTI, Giovanni (1961) – *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*, vol. IV (2 tomos). Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato.

BLAKE, Marion Elizabeth (1930) – «The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire», in *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. VIII. American Academy in Rome: Istituto Italiano d'Arti Grafiche – Bergamo, Italia, 7-160.

BLAKE, Marion Elizabeth (1936) – «Roman Mosaics of the Second Century in Italy», in *Memoirs of the American Academy in Rome*, vol. XIII. American Academy in Rome: Istituto Italiano d'Arti Grafiche – Bergamo, Italia, 67-214.

BLÁZQUEZ, José María (1993) – *Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Ediciones Cátedra, Madrid.

BLÁZQUEZ, José María *et al.* (1989) – *Mosaicos Romanos de Lerida y Albacete (Corpus de Mosaicos de España, fasc. VIII)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

BOLÉO, José de Oliveira (1973) – 1973, *Sintra e Seu Termo (Estudo Geográfico)*, 2.<sup>a</sup> edição, Câmara Municipal de Sintra.

BORGES, Felisbela (1986) – *Mosaicos Luso-Romanos em Zona de Influência de Olisipo e Colipo*, 2 vols., Dissertação Final de Mestrado em História da Arte Apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (exemplar policopiado).

CAETANO, Maria Teresa (1997) – *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager* (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Lisboa: texto policopiado.

CAETANO, Maria Teresa (2006) – «Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu *Ager*», in *Revista de História da Arte*, n.º 2. Lisboa: Instituto da História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 23-35.

CAETANO, Maria Teresa (2007) – «Opera musiu: uma breve reflexão sobre a origem, difusão e iconografia do mosaico romano», in *Revista de História da Arte*, n.º 3. Lisboa: Instituto da História da Arte – Faculdade e Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 53-83.

CAMPBELL, Sheilla (1994) – «Good luck symbols on Spanish mosaics», *IV Coloquio Internacional sobre Mosaico Antiguo. Palencia-Mérida (Octubre 1990)*. Guadalajara: Asociación Española del Mosaico, 293-300.

COELHO, Catarina (2007) – *São Miguel de Odrinhas: Relatório da Intervenção Preventiva de 1997*. Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (exemplar policopiado).

CORREIA, Vergílio (1928) – «O Domínio Romano», in *História de Portugal*, I vol. Barcelos: Portucalense Editora, 217-290.

COSTA, Francisco (1980) – «Treslado do Lemitte, e demarcação das Igrejas da Villa Cintra de 10 de Dezembro de 1253», in *O Paço Real de Sintra. Novos subsídios para a sua história*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 103-108.

FENDRI, M. (1965) – «Évolution chronologique et stylistique d'un ensemble des mosaïques dans une station thermale a Djebel Oust (Tunisie)», in *Colloque de la Mosaïque Greco-Romaine (Paris, 29 Août – 3 Septembre)*, I vol. Paris: CNRS, 157-172.

GOMES, Mário Varela, CARDOSO, João Luís e ANDRÉ, Maria da Conceição (1996) – «O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia» in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º 6. Câmara Municipal de Oeiras, 367-406.

GORGES, Jean-Gerard (1979) – *Les Villas Hispano-Romaines (Inventaire et Problématique Archéologiques)*. Paris : Publications du Centre Pierre.

HAUSCHILD, Theodor (1986) – «Arte Visigótica», in *História da Arte em Portugal*, I vol. Lisboa: Publicações Alfa, 149-169.

HÜBNER, Emílio (1869) – *Inscriptionis Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum, II vol.)*. Berlim (= CIL II).

LAMBRINO, Scalart (1953) – *Les inscriptions de São Miguel d'Odrinhas (separata do Bulletin des Études Potugaises, vol. XVI)*.

LANCHA, Janine (1977) – *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*. Roma: «L'Erma» di Breitschneider.

MAC MILLAN, Clôe (1986) - 1986, *Mosaïques Romaines du Portugal*. Paris: Edition Port du Sud.

MACIEL, Justino (1983) – *S. Miguel de Odrinhas (Sintra) = Architectura Romana ou Paleocristã?*, FCSH / UNL.

MACIEL, Justino (1995) – «A arte da Época Clássica», in *História da Arte Portuguesa*, I vol., Círculo de Leitores, 79-102.

MACIEL, Justino (1995<sup>a</sup>) – «A arte da Antiguidade Tardia (séculos III-VIII, ano de 711) – O contexto romano (séculos III-IV)», *História da Arte Portuguesa*, vol. I. Círculo de Leitores, 103-152.

MACIEL, Justino e BARACHO, Carlos (1992) – «O monumento absidal de Odrinhas», in *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*, Barcelona, 93-103.

NEAL, David (1981) – *Roman Mosaics in Britain. Britannia Monograph Series – 1*. London: Society for the Promotion of Roman Studies.

OLEIRO, João Manuel Bairrão (1986) – «Mosaico Romano», in *História da Arte em Portugal*, I vol. Lisboa: Publicações Alfa, 111-127.

OVADIAH, Ruth e OVADIAH, Ascher (1987) – *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel*, "Bibliotheca Archaeologica-6". Roma: «L'Erma» di Bretschneider.

PALOL, Pedro (1967) – *Arqueologia Cristiana de la España Romana*. Valladolid.

PEREIRA, Félix Alves (1908) – *Inscrições existentes na Igreja de São Miguel de Odrinhas (Sintra)*, [s.l.].

PEREIRA, Félix Alves (1914) – «Por caminhos da Ericeira». *O Archeologo Português*, vol. XIX. Lisboa: Imprensa Nacional, 324-362.

PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos suburbios e visinhanças de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

RESENDE, André de – *Codex Valentinianus*, in *CIL II*, XIV-28 e 312.

RIBEIRO, José Cardim (1974-77) – «Três novos monumentos epigráficos da época romana pertencentes à zona oeste do Município Olisiponense», in *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII a IX. Lisboa, 277-329.

RIBEIRO, José Cardim (1982-1983) – «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», in *Sintria*, I-II (1). Câmara Municipal de Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia, 151-476.

RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán e CARVALHO, António (2008) – «Torre Águila y las villas de la Lusitânia interior hasta el occidente atlántico», in *Las villae tardoromanas en el occidente del Império: arquitectura y función (IV Coloquio Internacional de Arqueologia en Gijón)*. Espanha: Ediciones Trea, 301-344.

SÁ, Cristina Moreira de (1959) – *Mosaicos Romanos de Portugal*. Tese apresentada à faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (exemplar policopiado).

SERRÃO, Vítor (1989) – *Sintra*, "Cidades e Vilas de Portugal-6". Editorial Estampa.

SILVA, Augusto Vieira da (1944) – *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa.

SOTTOMAYOR, Pereira de (1675) – *Catalogo dos Priores da Igreja de S. Miguel de Cintra*, ms. conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção de Reservados, COD. 208 [parcialmente publicado in A.C.S. 1941, 59-64, 91-96, 121-128 e 185-192].